

## OS COMPOSITORES

25/02/1998

Desde as suas origens pagãs - vejam-se as festas orgiásticas da antiga Grécia e os Saturnais romanos (possivelmente de descendência bem mais remota), o Carnaval ou algo a ele correspondente marcou todas as épocas da História. Então a sua conotação era divina, em honra de Baco (ou Dionísio), deus da ..... (?) e da subjetividade.

Hoje a conotação é humana e folclórica, às ordens de um não melhor definido Momo, terminal proletarização do antigo deus, embora o nome de Baco permaneça no bacanal e toque a Idade Média, como se pode verificar na representação do bacanal e da Quermesse no Faust de Goethe. E a língua brasileira ainda lembra a alegria báquica com o adjetivo indeclinável "bacana", que expressa uma situação de felicidade sensual e de admiração estética.

Tais festas, sejam elas as antigas orgias ou o Carnaval de hoje, significam a quebra das barreiras de recalque e complexos sociais, a valorização do corpo e de seus instintos, tão importante no contexto das coletividades oprimidas que ninguém ousou suprimi-las.

É o momento fugaz em que a carne sobrepuja o espírito, em que a carne se afirma. Assim surgiram na Renascença Italiana os dois termos de "carnasciale", reino da carne, e "carnevale", tempo em que a carne, tão condenada no ascetismo medieval, tem valor. Mas não se pense que na Renascença o carnaval fosse só desenfreiada alegria. Quando Lorenzo o Magnífico, senhor de Florença, descia do seu palácio para conduzir o desfile carnavalesco, o povo cantava as canções propositalmente compostas por Lorenzo: "Quanto é bella". Ao mesmo tempo todos jogavam flores e preparavam tapetes floridos para as danças das donzelas. Disto resta memória até hoje na tradição dos tapetes floridos de alguns carnavais, tais como os de Viareggio, San Remo e Nice.

No século XVIII a lassidão dos costumes campeou, mesmo em carnavais de grande tradição internacional como o Carnaval de Veneza. Ao mesmo tempo difundiu-se o uso da máscara, imitando as típicas máscaras italianas da Comedia dell'Arte, a fim de favorecer o anonimato, ou o uso da "Bautta" veneziana que cobria só a parte superior do rosto, isto é, cobria e não cobria, não escondia de todo, mas insinuava.

No século XIX o carnaval toma a feição de resenha histórico-política, com a tradição dos cortejos de carros alegóricos, representando, mais ou menos satiricamente, personagens famosas ou características. Não é um enredo, como no atual carnaval brasileiro, mas uma série de retratos. Vamos acompanhar um desfile musical com a galeria de retratos do Carnaval opus 9 de Schumann, com o pianista Bernard d'Ascoli:

-Preambolo

- Pierrot
- Arlequim
- Valsa Nobre
- Eusébio
- Florestão
- Coquette
- Chiarina
- Chopin
- Pantalão e Colombina
- Paganini

Mas Schumann escuta também os ecos do Carnaval Vienense, do qual é parte essencial o baile de máscaras, expressão da libertação do subconsciente em seus sonhos inconfessados e no desdobramento da personalidade.

Do Faschingschwang(?)" de Schumann ou Carnaval de Viena, vamos ouvir o primeiro movimento, exaltação da dança, o animadíssimo Intermezzo, e o virtuosístico Final, na execução do pianista Stanislav Bunin.

Música.

O carnaval, na Europa Meridional, precede de pouco a eclosão da primavera, que solta as energias da terra, assim como o carnaval solta as energias do folião em seu embevecimento de explosiva alegria. Saudamos então Carnaval e Primavera com a linda Valsa de Strauss "Vozes da Primavera".

Música.

E agora vamos viver uma noite de Carnaval em Paris, sentados numa mesa do Café Momus, que ainda existe.

É o segundo ato da Bohème de Puccini. Numa mesa ao lado há um alegre grupo de artistas, inclusive Rodolfo que acabou de conhecer Mimi em sua mansarda. Na rua a multidão ruidosa circula e canta, vendedores de doces, flores e frutas gritam suas mercadorias, meninos correm e brincam, tentando fugir ao controle das mães.

De repente aparece a endiabrada Musetta, aquela que afirma serem os seus amores as várias estrofes da sua canção, mas ser o pintor Marcello seu eterno refrão.

Musetta é acompanhada por um velho e ridículo amante, do qual resolve livrar-se quando vê Marcelo no grupo dos artistas. Simula uma violenta dor num pé, e ordena ao velho de procurar-lhe imediatamente outro par de sapato. Na

ausência do velho Musetta se joga nos braços de Marcelo e todos fogem, deixando todas as contas para o velho pagar, enquanto a folia do carnaval chega a seu auge acompanhada pela própria fanfarra militar.

Música; Bohème.

Mas hoje o reino do Carnaval é sem dúvida o Brasil. Aquí o Carnaval se identificou com o samba e com todas as contribuições da cultura afra. Os carros alegóricos completaram-se

como desenvolvimento de um enredo e tudo adquiriu o aspecto de uma grandiosa coreografia que faz do Carnaval um espetáculo único e incomparável. Embora o Carnaval seja hoje uma manifestação da cultura brasileira, o seu maior palco é o Rio de Janeiro, incomparável moldura natural dessa festa.

Então vamos conhecer o Rio de Janeiro, como Villa-Lobos imagina que se apresente visto do alto de um papagaio ou pipa que um moleque solta nos ares.

Vamos ouvir então "O Papagaio do Moleque", poema orquestral de Heitor Villa-Lobos, na execução da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a minha regência.

Música.

Mas o Rio é também a cidade das salas de diversão, onde campeia o brejeiro espírito carioca, como este elegante " Brejeiro " de Ernesto Nazareth , que a pianista Tânia Lopes Cançado vai tocar para vocês.

Música.

Não propriamente carnavalesco é o folclore nordestino, mas imbuído da mesma alegria coreográfica. Vamos ouvir o tradicional "Boi Bumbá" na música de Waldemar Henrique, num belo arranjo coral de Ernest Widmer. Canta o coro belorizontino da Usiminas com a regência de Otacílio .....

Música.

Voltando ao repertório pianístico, uma típica dança brasileira, o jongo na vigorosa visão rítmico-melódica de Oscar Lorenzo-Fernandez. Toca o jovem pianista brasileiro Marco Antonio Brescia.

Música.

E agora uma congada de Francisco Mignone. A Congada, de cunho totalmente afro, é algo que me recorda os cultos órficos e o ritual negro do próprio Carnaval. Toca ainda o jovem pianista mineiro Marco Antônio Brescia.

Música.

E para ficar nas coisas da negritude, tão bem captadas por um brasileiro filho de napolitanos, Francisco Mignone, desse autor, o baixo Amin Feres, com Eliane Fagioli Lara e um grupo de percussão cantará o "Quizomba" extraído do "Maracatú do Chico Rei".

Música.

Hoje o Carnaval brasileiro está estritamente ligado aos aspectos e à poética do Tropicalismo. Por isto terminamos a conversa de hoje com uma interessante novidade musical: um conjunto de sopros, piano e percussão guiado pelo trombonista Paulo Lacerda, docente da Escola de Música da UFMG. O título da música, "Som Equatorial", bem denota a sua imediata ligação

com o Tropicalismo.

Música: Som Equatorial.